

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF)

E-mail: psicopatologiafundamental2020@gmail.com

Portal: <http://www.fundamentalpsychopathology.org.br>

Argumento

IX Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental

XV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental

O IX Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, a acontecer entre os dias 4 e 7 de setembro de 2020, na modalidade virtual, em função da pandemia do Coronavírus, terá como tema ***O estado atual da Psicopatologia Fundamental***. Tema ao mesmo tempo instigante e desafiador, na melhor tradição representada e sustentada pela Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, patrocinadora histórica destes congressos bianuais.

O Congresso acontece em um ambiente complexo politicamente, com sinais visíveis de autoritarismo e desrespeito à ciência e a cultura no país. É um movimento que vai na direção oposta a certa fobia à pesquisa científica, ao fomento da cultura e ao pensamento livre. Promover um Congresso neste ambiente é fazer esforço para manter viva a pesquisa científica, que se faz dentro e fora da Universidade, sobretudo pública, mas também privada. O Congresso visa o bem público e o desenvolvimento do país, sobretudo na área de saúde e saúde mental, visando uma sociedade mais justa.

Este Argumento do Congresso quer se alinhar à melhor tradição da Psicopatologia Fundamental, que encontra origens antigas na história, podendo ser remontadas ao pensamento grego antigo, passando por vários momentos de preocupação com a subjetividade e que se aprofunda modernamente na fenomenologia, em certa medicina, certa psiquiatria, certa psicologia, certas ciências humanas e psicanálise. A Psicopatologia Fundamental tem a ver com o pesquisador e psicanalista francês Pierre Fedida e com noções trazidas ao Brasil pelo Dr. Manoel Tosta Berlinck, entre outros.

Falar em psicopatologia é falar em *pathos*. Entendendo a questão *páthica* como dimensão inerente do Ser, a proposta da Psicopatologia Fundamental é "criar" uma *Psico-patologia*, isto é, um discurso (*logos*) sobre as paixões (*pathos*) que constituem o psiquismo (*psichê*), próprio a cada sujeito. O *pathos* manifesta uma subjetividade que, graças à palavra, transforma a paixão em experiência, servindo à ampliação do campo simbólico do sujeito. Para a Psicopatologia Fundamental, no esteio das posições freudianas, o psiquismo se organizou e se desenvolveu para proteger o ser humano contra os ataques internos e externos, que punham a vida do sujeito em perigo. Nesta perspectiva, as classificações nosográficas não podem apagar a particularidade do destino do *pathos*. Pelo contrário, as classificações devem ser compreendidas como criações únicas que garantiriam a sobrevivência psíquica: são modos de subjetivação encontrados pelos sujeitos frente à violência que lhes é atribuída pelo trabalho da cultura (*Kulturarbeit*).

O conceito de Psicopatologia Fundamental permite, sem ceder com relação à perspectiva clínica, avançar a questão das relações entre psicopatologia, poder e autoridade, interrogando os significantes da cultura que se impõem às paixões como dispositivos de sujeição social. Fica aproximada a Psicopatologia Fundamental de outras abordagens críticas do fenômeno social, apoiada na psicanálise. Neste sentido, reflexões em torno do processo de identificação e da constituição da autoridade como modo de regulação do *pathos* conferem à Psicopatologia Fundamental a possibilidade de debater questões de época.

Embora o fenômeno psíquico não seja redutível a uma única forma discursiva, o número de leituras na atualidade que apresentam, cada um com sua epistemologia própria, é impressionante, o que trouxe um problema tanto de diálogo intercientífico, quanto de confrontação crítica entre as leituras do *pathos*. O desenvolvimento das neurociências nos leva a crer que tudo se explica por mecanismos cerebrais, deixando de lado o sujeito e sua história. O espantoso crescimento dos psicofármacos, reforçam a ideia de uma origem biológica na base dos transtornos psíquicos; a genética vem ganhando espaço em detrimento da subjetividade (conhecemos as consequências do eugenismo). Há quem defenda que, em um futuro não muito distante, os "desvios" do *pathos* poderão ser tratados sem a ajuda da psicopatologia em suas múltiplas vertentes. Isto é, sem a

necessidade de se conhecer os aspectos subjetivos, os conflitos interiores e as experiências psíquicas do sujeito: o conhecimento das moléculas químicas bastará.

Assistimos cada vez mais a emergência de discursos carregados de ideologias normativas que levam à patologização da normalidade: em nome de um "saber científico" o que nos torna humanos está sendo patologizado, as singularidades são transformadas em anomalias e os atos espontâneos em desvios; o universo fantasmático, tratado como realidade objetiva, de um modo que não leva em conta a poliformia das manifestações do *pathos*, presentes desde a sexualidade infantil. Neste sentido, a prática clínica, com sua vertente diagnóstica é apenas um recurso para orientar a escuta, e não um instrumento classificatório-ideológico a ser utilizado para definir uma organização, ou estrutura, na qual o sujeito deva ser encaixado. A generalização do diagnóstico ignora o sintoma na linguagem que lhe é própria, anulando a particularidade da dinâmica pulsional e dos caminhos identificatórios de cada um. Neste sentido, sustentamos que o trabalho que aborda a discussão diagnóstica, em torno da natureza do diagnóstico, sua função para o tratamento, no quadro de transformação da singularidade em anomalia, não se divorcia do debate em torno dos dispositivos de sujeição social.

Estão lançadas as bases e os desafios estão colocados ao IX Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. Com efeito:

1. Como conciliar a direção autoritária assumida em certos momentos presentes na cultura com a Psicopatologia Fundamental que localiza, a partir de sua articulação com a psicanálise, a presença do *pathos* na base das relações de poder?
2. Como conciliar as inúmeras tentativas de patologizar a normalidade, assim como as leituras fundamentalistas do *pathos* que só veem uma possibilidade de subjetivação, com a Psicopatologia Fundamental que reconhece e dialoga com outras leituras presentes na *polis*psicopatológica, e trabalha com a singularidade da *psico-pato-logia* de cada um? (Na metáfora de Pierre Fédida, uma psicopatologia *haut-couture* e não *prêt-à-porter*)

As associações sintagmáticas utilizadas para nomear a alteridade interna, cujas origens desconhecemos, e para suportar o desamparo psíquico podem tanto facilitar a circulação

dos afetos, permitindo uma maior expressão da diversidade e da diferença, quanto limitar essa circulação ao definir como ela deve ocorrer, o que pode gerar sofrimento psíquico.

Ao convocar IX Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, a Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF) convida todos, e todas, a trazerem suas contribuições para ampliar a reflexão e ação.